

EDUCAÇÃO SEXUAL DE ONTEM E DE HOJE: REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE SUJEITOS JUVENIS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.633142426124>

Data de aceite: 26/12/2024

**Ana Júlia Silveira Damascena Lima
Silva**

Luana dos Santos Lima

Ronald Cândidos Sales dos Santos

Marcelo Barroso Barreto

RESUMO: As famílias brasileiras, quase sempre, delegaram à escola a responsabilidade de educar, sexualmente, os brasileiros infanto-juvenis, o que fomentou o surgimento da educação sexual formal escolar, em meados do século XX. Inicialmente, a educação sexual visou contribuir com o controle de infecções sexuais em prol da saúde coletiva, tendo como principal meio de divulgação científica as enciclopédias e dicionários. Como a ciência está vinculada à cultura e práxis temporal local, conceitos deletérios que se contrapõem aos direitos de gênero, igualdade sexual, relacionamento e afetividades humanas foram difundidos socialmente neste período pretérito. Na contemporaneidade, a educação sexual – adaptada a sociedade atual – é antagonica aos conceitos da década de setenta, ao tirar a educação sexual das “mãos” das ciências médicas e biológicas e a torna

multidisciplinar e necessária para combater os preconceitos sociais. Mas, diante dessa mudança de definições, surgimento de leis e retomada de práxis relacionais diversas, a pesquisa questiona: como os jovens pensam conceitos vinculados ao relacionamento, à família, aos direitos de gênero e de afetividade? Utilizou-se, como metodologia, o estudo de caso, com pesquisa de abordagem qualiquantitativa, de cunho etnográfico, a qual foi elaborada em situação institucional e contextualizada. A pesquisa foi desenvolvida com 191 estudantes do 3º ano do Ensino Médio. Logo, se conclui por um espectro analítico, tendo como polos opostos a década de setenta e a contemporaneidade, e se entende a representação dos estudantes sobre o tema, após a tabulação de dados. Assim, foi observado que os estudantes de ensino médio flutuam entre as educações sexuais antagonicas e, talvez ter a educação sexual apenas como tema transversal no currículo básico comum brasileiro e fora do novo ensino médio, seja um fator preponderante para essa flutuação conceitual e entendimento raso dos conceitos contemporâneos abarcados pela educação sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual, conceito científico, preconceito.

INTRODUÇÃO

O sexo e a sexualidade quase sempre foram tabus a serem discutidos com franqueza e clareza entre tutores/responsáveis e seus tutorados infanto-juvenis e juvenis, transferindo para a escola a responsabilidade de falar sobre o tema por meio da educação sexual.

A educação sexual no Brasil, surge no início do século XX, com o intuito de contribuir com a saúde pública, diminuindo a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis (FIGUEIRÓ, 2010).

Ainda muito vinculada às ciências biológicas e a medicina, o sexo e a sexualidade, neste período, eram tabus a serem discutidos dentro do âmbito familiar e também na escola, assim, para ficar menos constrangedor falar sobre sexo e sexualidade, a palavra amor é apropriada pela educação sexual para se falar das relações humanas com finalidade sexual e ou reprodutiva (FIGUEIRÓ, 2010; MAIA *et al*, 2012).

Na década de setenta, meados do século XX, surgem divulgações científicas voltadas para a educação sexual escolar, chamadas de dicionários e enciclopédias para Educação sexual. Assim, o que estava escrito nos dicionários e enciclopédias acabava sendo, quase sempre, uma verdade absoluta para a educação formal, já que neste período não existiam pesquisas on-line e periódicos virtuais.

Como o amor continha as definições de sexo e sexualidade, na década de setenta, estudar sobre o amor era, também, estudar sexo e sexualidade.

Tomando como base o livro Dicionário Enciclopédico de Educação Sexual escrito pelo Dr. Jesús Nogueira Moré (1971), a definição de amor é dada como:

“[...]sentimento de adesão a pessoas de sexo igual ou diferente, baseado às vezes em simples atração e em outras em relações ou sentimentos sexuais (MORÉ, 1971)”.

Uma característica marcante deste dicionário é a divisão do amor masculino e o amor feminino, conceitos esses apresentados com base na sociedade da década de setenta, onde situações como adultério masculino era normalizado e onde a submissão feminina era regra social.

Assim, o amor masculino era, passageiro ou acidental, impuro e interessado, este mesmo amor, especificamente do homem de alta masculinidade, é “fundamentalmente mais erótico do que amoroso”, considerando que “O ‘homem homem’ é um mau amante”, pois lhe falta a capacidade feminina de amar sem buscar o prazer como uma moeda de troca, e quando lhe faltam essas características masculinas,

é caracterizado como afeminado, pois, não deveria querer, eroticamente, a mulher tanto quanto a ama (MORÉ, 1971).

Além de descrever o amor sexual masculino como, “instintivamente poligâmico”, o homem também é possuído por “uma verdadeira neofilia sexual”, em que, “Somente com a cultura, evolução e superação moral e mental é capaz de polarizar o amor e fazer-se monógamo. O homem só é monógamo na medida de seu entusiasmo amoroso por uma determinada mulher” (MORÉ, 1971).

Este mesmo dicionário traz o amor feminino, exclusivamente da mulher autêntica, como puro, de entrega total, altruísta e desinteressado, em que, muitas vezes, as mulheres possuem o desejo de morrer na sua entrega ao homem e/ou filho (MORE, 1971).

A mulher muito feminina ama mais do que quer, é amorosa, porém, não é erótica, ou seja, “A ‘mulher mulher’ é boa amante de seu marido”, sendo que, apenas a mulher masculinizada é profundamente erótica. Ao contrário do homem, a mulher feminina possui orgulho de ter tido só um amor e “sente uma verdadeira neofobia sexual” (MORE, 1971).

Outro conceito interessante e reflexivo do livro é sobre o amor lésbico, ao qual este não apresenta definição, apenas redireciona para contar a história da primeira mulher lésbica, Safo de Lesbos. O que representa perfeitamente o conhecimento da época sobre o tema, já que se o amor extraconjugal feminino era considerado pecaminoso e irregular ao comportamento feminino, o relacionamento homossexual entre mulheres não era estudado o suficiente para se chegar a uma conclusão.

Na contemporaneidade, as definições de sexo, sexualidade e amor, a serem trabalhadas na educação sexual, se tornam muito mais amplas e adequadas ao tempo-espço contemporâneo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2018), propostos pelo Ministério da Educação/MEC, as definições de sexo, sexualidade e amor estão relativizadas não apenas ao período histórico-social, mas também a ciência que os define.

Assim, nos dias de hoje, as ciências biológicas, médicas e a neurofisiologia definem o amor como, uma cadeia de interações bioquímicas, nos quais neurotransmissores como a adrenalina, noradrenalina, dopamina e por último a oxitocina fazem com que um sujeito humano cuide de outro sujeito humano. E, é este cuidado frequente e temporal, no qual o sexo também faz parte, que fará com que ocorra um vínculo entre os organismos, baseado no cuidado e afeto, o qual desencadeiam a liberação de mais oxitocina, e é isso que se chama amor biológico (HERNANDEZ, *et al*, 2017).

Ainda tomando como base as ciências biológicas e médicas, sexo é o ato ou a expressão cromossômica de características primárias e secundárias no corpo; sexualidade é a projeção do desejo do sujeito para o ato sexual e o gênero é a forma com que este mesmo sujeito se entende e se expressa no mundo.

Contudo, ao considerar o contexto social, temporal e histórico surge a necessidade de trazer também os conceitos sociológicos sobre o tema.

No livro *Amor Líquido* escrito por Zygmunt Bauman (2004), o autor apresenta o amor na sociedade contemporânea como uma relação frágil, em que ele afirma:

“[...] numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação momentânea [...]. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a ‘experiência amorosa’ à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (BAUMAN, 2004)”

A Organização Mundial da Saúde/OMS (2023), define o sexo como “aspecto central do ser humano durante toda a sua vida, abrangendo o ato sexual, as identidades e os papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução”.

Por ser uma parte integrante da personalidade de cada indivíduo, a sexualidade é uma necessidade básica e um aspecto inseparável da vida humana. Sendo assim, é cabível retomar a declaração da OMS referente a sexualidade:

“A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico” (OMS, 2023).

Contudo, é perceptível na contemporaneidade, que mesmo com mudanças consideráveis, depois de cinco décadas, nos conceitos que definem as relações humanas utilizados pela educação sexual, ainda existe um espectro de interpretações extremamente heterogêneo e que levam fatalmente ao preconceito e a violência.

Assim, estudar como a sociedade juvenil concebe as relações humanas nos dias de hoje, fomenta a discussão sobre esses conceitos para fins educativos e em prol de ações interventivas assertivas.

O Brasil é um dos países mais violentos do mundo, em se tratando de violência sexual. No ano passado foi assassinada uma mulher a cada seis horas neste país, são violentadas duas mulheres a cada minuto e 51% das pessoas LGBTQIA+ dizem ter sofrido violência em 2022 (NEV-USP, 2023; IPEA, 2023).

Em 2022, mais de cinquenta e dois mil jovens foram registrados com HIV e foram feitos 380 mil partos em jovens abaixo de dezenove anos de idade (IPEA, 2023).

Os números apresentados anteriormente demonstram, por si só, que existe a necessidade real de se discutir educação sexual no Brasil.

Contudo, somado a estes dados, Lamour (1997), em entrevistas aplicadas a violentadores sexuais, demonstrou que os mesmos se sentiam mais propícios a violentar pessoas que aparentavam desinformadas e vulneráveis quanto ao entendimento dos seus direitos e limites sociais.

Ainda, diante do contexto político-social de polarização existente no Brasil, ressurgiram conceitos preocupantes como, o de família tradicional brasileira (que exclui configurações familiares além das heteronormativa); doutrinação educativa sexual nas escolas (que defende a normas hétero), e tantos outros ataques políticos, sociais e culturais a diversidade de gênero, sexo e sexualidade.

Assim, a presente pesquisa se faz necessária, no intuito de entender como os sujeitos jovens concebem as relações humanas sexuais e como estas concepções lhes permite viver na sociedade contemporânea.

METODOLOGIA

Como proposta de solução, foi decidido a criação de um formulário no site da Microsoft Forms, com o foco em tornar acessível, prático e por já ser uma plataforma utilizada no local em que a metodologia foi implementada, a Escola SESI Djalma Pessoa, Salvador/BA.

A partir das normas ABNT (2023) e FIOCRUZ (2020), o formulário foi criado e dividido em 3 seções: na 1ª seção é esclarecido a quantidade de perguntas a serem respondidas, o sigilo dos estudantes é assegurado e lhes é explicado o que acontecerá com os dados coletados, além de explicitarmos que não haverá como apagar alguma resposta uma vez que a entrega tenha sido realizada, logo, os participantes fazem a escolha entre continuar com o formulário ou não; Na 2ª seção há a realização da anamnese, exposta no apêndice 1, feito de acordo com Anamnese para gênero da Defensoria Pública do Estado da Bahia (2023) e Anamnese em sexologia (LARA, 2018), em que perguntamos a idade dos alunos, sua identidade de gênero, a orientação sexual e sua religião, todas essas perguntas com foco em categorizar os estudantes e tentar definir um padrão entre as respostas fornecidas e suas características pessoais; Na 3ª seção é o questionário, este que possui 10 questões, em que as opções variam de “Concordo completamente”, “Concordo Parcialmente”, “Não concordo, nem discordo”, “Discordo parcialmente” e “Discordo completamente”.

Após a finalização da entrega, o aluno é encaminhado para a página de agradecimentos e lhe é permitido baixar as informações que ele acabou de fornecer na anamnese e no questionário.

Com o formulário já criado no Microsoft Forms, os termos de Consentimento e Assentimento, mostrados no apêndice 2 e 3, foram apresentados ao Conselho de Ética SESI/FIEB, em que estes selecionaram aleatoriamente 3 turmas do 3º ano e coletaram os termos assinados. Por já terem passado pela maior parte do processo de maturação nos anos anteriores, são mais capacitados para fazer uma análise geral sobre como a educação sexual é ensinada dentro do ambiente escolar ao longo do Ensino Médio.

Portanto, após o formulário ser distribuído nas salas e a coleta de dados ser realizada, levantamos as seguintes hipóteses:

1. Os estudantes apresentam um conhecimento científico e atual, ou seja, há uma educação sexual efetiva sendo apresentada aos jovens;
2. Os estudantes ainda possuem um conhecimento ultrapassado e preconceituoso sobre conceitos relevantes na sociedade atual, logo, não existe uma educação sexual introduzida a estes estudantes, ou esta não possui alcance o suficiente;
3. Os estudantes possuem um conhecimento heterogêneo, logo, há a presença do conhecimento científico contemporâneo e pretérito, demonstrando uma falha em introduzir certos conceitos a estes alunos.

Sendo assim, se os dados coletados forem correspondentes as classificações definidas previamente, conclui-se que a nossa pesquisa é eficaz e útil na coleta de dados e análise da contemporaneidade do conhecimento sobre educação sexual.

RESULTADOS OBTIDOS

Durante a pesquisa foram analisados 192 estudantes a partir das suas respostas no formulário online. As perguntas e as opções foram tabuladas, logo após os resultados foram quantificadas, transformadas em porcentagem e classificadas entre anos 2000, representado pela cor verde, e anos 70, representado pela cor vermelha. Como está representado a seguir

Tema da Pergunta	Concordo Completamente	Concordo Parcialmente	Não Concordo, Nem Discordo	Discordo Parcialmente	Discordo Completamente	Porcentagem
O relacionamento depende apenas do casal?	100	62	14	8	0	88%
As brincadeiras deveriam ser divididas por gênero?	17	28	20	49	70	65%
As relações heterossexuais deveriam ser mais valorizadas que as homossexuais?	24	30	26	14	90	57%
A mulher busca a dominação sob o homem?	21	35	53	22	53	59%
O relacionamento é algo sério que deve ser preservado?	149	24	7	0	1	96%
A utilização dos dados científicos são válidos?	80	61	32	6	5	76%
O homem é naturalmente poligâmico?	10	22	28	29	95	68%
As brincadeiras infantis deveriam ser mais generalizadas?	116	25	21	11	11	77%
Os direitos humanos devem ser discutidos e valorizados?	141	20	20	3	0	88%
As mulheres estão em busca por vantagens e privilégios sociais?	73	42	28	14	27	78%

Figura 1: Perguntas e respostas

Como demonstra a tabela, nas questões que retratam sobre protagonismo feminino e feminismo, 78% dos estudantes acreditam que as mulheres querem ter vantagens e privilégios sociais, já quando se discute sobre relacionamento e a conservação do mesmo, 96% concorda que deve haver sacrifício de alguma parte, enquanto 92% acredita no amor romântico e idealizado. Entretanto, apesar dessas porcentagens, 76% dos alunos tem opinião regida por dados factuais derivados de pesquisa científica.

Após a tabulação dos dados, as porcentagens foram posicionadas em gráfico no intuito de melhor visualizar e entender as flutuações dos estudantes com relação aos temas expostos nas perguntas.

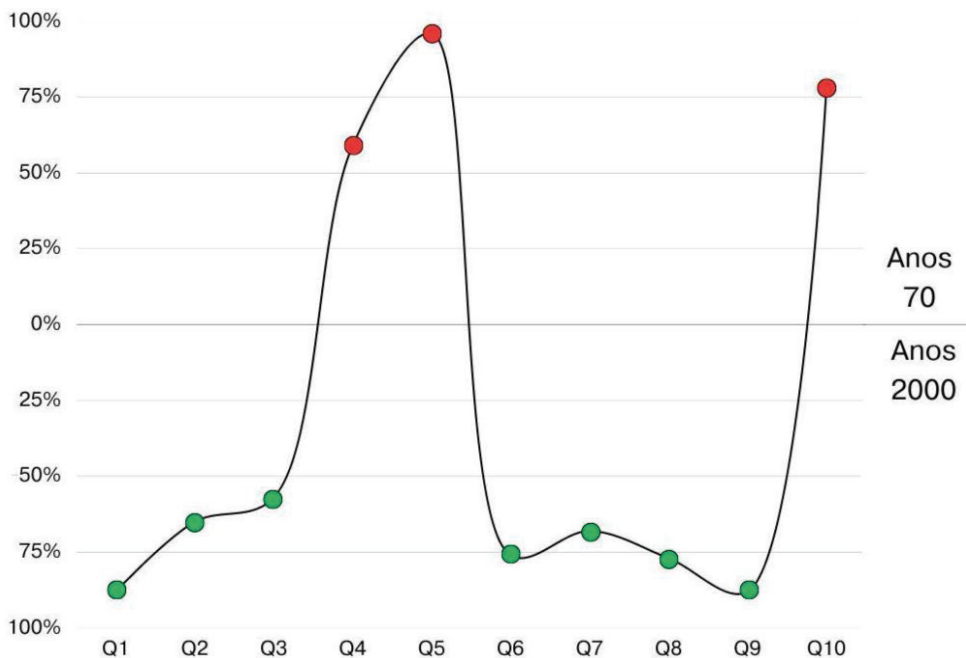


Figura 2: Espectro sobre sexualidade, relacionamento e gênero

Já a partir da anamnese, foi possível concluir que o grupo majoritário dos estudantes se intitulava cisgênero (88%), heterossexual (67%), religioso (53%), em sua maioria católico e evangélico, com idade média de 17 anos, sendo estudantes do 3º ano do Ensino Médio Regular e em sua maioria pardos e pretos.

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como citado previamente, a Educação Sexual tem a capacidade de influenciar na saúde coletiva e na segurança pública, além de influir no combate ao preconceito e na identificação pessoal dos indivíduos da sociedade. A intenção da nossa pesquisa estava em entender o quão contemporâneo é o ensino da Educação Sexual nas escolas a partir das respostas fornecidas pelos alunos, com o foco, principalmente, em fomentar a discussão sobre o tema entre os jovens.

Consequentemente, com a aplicação do formulário, foi possível desempenhar a sua função inicial ao coletar dados objetivos sobre o avanço dos estudantes com relação ao tema, tabular esses dados e classificá-los. Além da colaboração do anamnese, que permitiu caracterizar os voluntários da pesquisa e entender a sua origem cultural e social, colaborando ao entender a influência do meio no contexto individual do estudante e maneira como as respostas se comportam quando posicionadas em um gráfico.

Portanto, com os objetivos sendo alcançados, torna-se perceptível que a educação social com ênfase na educação sexual baseada nas ciências é o precursor da construção da educação sexual formal, se tornando multidisciplinar e necessária, principalmente que, como analisado previamente, os estudantes ainda demonstram um conhecimento ultrapassado sobre temas recorrentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

Aikin, Scott F. (2018). **Deep Disagreement, the Dark Enlightenment, and the Rhetoric of the Red Pill.** Journal of Applied Philosophy 36 (3):420-435, 2018.

Almeida, Thiago de. (2014). **Processo da escolha conjugal sob a perspectiva da psicanálise vincular.** Pensando famílias, 18(1), 3-18. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100002&lng=pt&tlng=pt.

Augusto Evangelho Hernandez, J. et al. (2017). **A Psicologia do amor: Vinte anos de estudos científicos nacionais.** Psicologia Argumento, 32(79), 131-139. doi: 10.7213/psicol.argum.32.s02.AO12.

Bauman, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A. (atual Jorge Zahar Editor), 2004, 191 p.

Bittencourt, R. N. (2013). **As contingências do amor e a dissolução da alteridade amorosa no capitalismo afetivo.** Cadernos Zygmunt Bauman, 3(6), 2-40.

Cruz Junior, Gilson. (2019). **PÓS-VERDADE: A NOVA GUERRA CONTRA OS FATOS EM TEMPOS DE FAKE NEWS.** ETD Educação Temática Digital, 21(1), 278-284. Epub 01 de janeiro de 2019. doi: 10.20396/etd.v21i1.8652833

Costa, S. **Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia.** Novos estudos CEBRAP, n. 73, p. 111–124, nov. 2005.

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP Fiocruz). **Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais.** Versão 1.0 / Comitê de Ética em Pesquisa. Rio de Janeiro : ENSP/ Fiocruz, 2020. 12 p.

Figueiró, M. N. D. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio.** 3ª Edição. Londrina: Edel, 2020.

Garcia, F. R., Dacome A. O. **Efeito Modulador da Ocitocina sobre o Prazer.** Paraná: Unicesumar, v. 1, n. 2, p. 193-200, 2008.

Hoffmeister, Alana, Carvalho, Liana Müller, & Marin, Angela Helena. (2019). **Compreendendo o amor e suas expressões em diferentes etapas do desenvolvimento.** Revista Subjetividades, 19(3), p 1-14. doi: 10.5020/23590777.rs.v19i3.e9529

Lamour M. **Os abusos sexuais em crianças pequenas: sedução, culpa, segredo.** In: Gabel M, ed. Crianças vítimas de abuso sexual. São Paulo: Summus; 1997. p.43-61.

Lara L.A. et al. **Anamnese em sexologia e os critérios diagnósticos das disfunções sexuais**. São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetícia (FEBRASGO); 2018. (Protocolos FEBRASGO – Ginecologia nº 10/Comissão Nacional Especializada em Sexologia).

Lefevre, F. **Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo, a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

Lorentz, L. N. (2019). **Paradigmas e paradoxos dos movimentos de mulheres (feministas?) no Brasil**. Boletim Científico Escola Superior Do Ministério Público Da União, (54), 57–85. Recuperado de <https://escola.mpu.mp.br/publicacoes/cientificas/index.php/boletim/article/view/483>

Maia, A. C. B. et al. **Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 1, p. 151-156, 2012.

MORÉ, J. N. **Dicionário Enciclopédico de Educação Sexual**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A., 1971. 191 p.

Neves, A. S. A. D. **As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?**. Revista Estudos Feministas 15(3), v. 15, p. 609–627, 2007.

Seixas, R. **A retórica da pós-verdade: o problema das convicções**. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, v. 18, n. 1, 29 abr. 2019.

Sterzeck C. D. et al. **A NEUROBIOLOGIA DO AMOR: As Fases e Emoções Envolvidas**. Nanocell News, v. 2, 2014. doi: 10.15729/nanocellnews.2014.10.19.008.